

**DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO****NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES****TEXTO COM REDAÇÃO FINAL*****Versão para registro histórico******Não passível de alteração*****COMISSÃO DE CULTURA****EVENTO:** AP c/ Convidado**REUNIÃO Nº:** 53328**DATA:** 11/07/2018**LOCAL:** Plenários das Comissões**INÍCIO:** 16:10**TÉRMINO:** 17:38

>A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Declaro aberta a reunião extraordinária de audiência pública para discutir o tema *A realidade da cadeia criativa e produtiva do carnaval*.

Quero agradecer à Comissão de Cultura a aprovação deste requerimento que apresentei, subscrito em conjunto pelos Deputados Chico D'Angelo, Celso Jacob, Cabuçu Borges, Jandira Feghali e Erika Kokay. *(Pausa.)*

O SR. KAXITU RICARDO CAMPOS - Presidente, boa tarde. Peço a palavra pela ordem.

A FENASAMBA, a nossa instituição, tem um pavilhão. Quando o pavilhão de uma entidade, de uma escola de samba ou de um bloco é desfraldado - isso faz parte da cultura do samba -, oficialmente aquela instituição está presente no local.

Então, eu queria contribuir para o rito do carnaval e pedir que colocasse na mesa...

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Sem dúvida.

Quem usou a palavra foi Kaxitu Ricardo Campos, Presidente da FENASAMBA - Federação Nacional das Escolas de Samba.

Por favor, Kaxitu, convido-o para compor a Mesa conosco.

Eu peço a concordância do Plenário para colocarmos aqui os pavilhões. *(Pausa.)*

Agradeço, senhores e senhoras.

Com esta concordância, vamos colocar aqui os pavilhões das escolas de samba, que são muito bem-vindos.

Vamos aplaudir. *(Palmas.) (Pausa.)*

Os pavilhões foram devidamente colocados.

Retomamos aqui já com a presença do Sr. Kaxitu Ricardo Campos, Presidente da Federação Nacional das Escolas de Samba.

Convido para também compor a Mesa o Juarez Gutierrez de Souza, Presidente da Liga Independente das Escolas de Samba de Porto Alegre, e o Edinei Luís Soares Martins, Vice-Presidente Sul da FENASAMBA. *(Palmas.)*

Como somos oito, vou também convidar o Sandro Rafael Martins dos Santos, para compor a Mesa. Chamamos quatro e, depois, mais quatro.

Também já estão presentes aqui o Geomar Climentino, a Letícia Helena, representante do Bloco do Amor, da Rede Carnavalesca, e o Moacyr Oliveira Filho.

O Vicente da Silva Cruz está aqui conosco?

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Não pôde vir.

A Sandra Tarragô, pesquisadora do carnaval de Porto Alegre, também não está conosco, mas nos enviou um vídeo.

Meus amigos e minhas amigas, como eu disse inicialmente, esta audiência foi aprovada em função de requerimento de minha autoria, em conjunto com os Deputados Chico D'Angelo, Celso Jacob, Cabuçu Borges, Jandira Feghali e Erika Kokay.

Por quê? Porque a Comissão de Cultura trata de uma das maiores manifestações da cultura brasileira que estão presentes em todos os Estados, de diversas formas, seja no formato das escolas de samba, seja das tribos carnavalescas - no caso da minha cidade, Porto Alegre -, seja dos clubes, seja dos blocos, seja dos trios elétricos, seja do cordão, como expressão popular acima de tudo.

Essa expressão popular, ao longo dos anos, também foi se tornando parte da economia deste País. É altamente relevante do ponto de vista cultural, mas também do ponto de vista econômico. É uma marca positiva do nosso Brasil para o mundo. Também traz ao Brasil um contingente enorme de turistas.

Nós sabemos que toda essa experiência exitosa parte da experiência artística brasileira. Em diferentes lugares do mundo, também já ocorrem desfiles de escolas de samba.

Por isso, o carnaval tem uma dimensão simbólica que expressa a arte. É uma dimensão cidadã, pelo trabalho que vocês realizam lá na ponta, em geral nas comunidades periféricas das cidades, quando enfrentam todas as formas de opressão.

Não há discriminação para quem está numa escola de samba, para quem pisa numa avenida. Na verdade, nunca deixa de existir a lógica cotidiana da discriminação racial, da violência contra as pessoas LGBTQs e da violência contra as mulheres, mas se enfrenta.

O carnaval tem estado associado ao enfrentamento de todas as formas de violência. O carnaval é uma festa, sim, que reúne as famílias e as mais diversas pessoas, com extremo respeito ao meio, à vivência das comunidades carnavalescas. Além dessa dimensão cidadã, há a dimensão econômica, como eu disse aqui.

No dia 25 de junho de 2013, a Câmara dos Deputados realizou uma audiência pública sobre a cadeia produtiva do carnaval, atendendo à demanda de diversos setores do carnaval brasileiro. Foi considerado importante construir um plano nacional da cadeia produtiva do carnaval. No entanto, nós tivemos várias obstruções. Existem obstruções relativas à saúde, à educação, à segurança pública, à qualidade de vida das pessoas. Além disso, vários gestores têm feito um discurso que não é coerente. Eles colocam, muitas vezes, a arte e a cultura em oposição à saúde, à educação, à segurança, a direitos inalienáveis. Pois nós queremos, porque a Constituição assim define, integrar todos esses direitos. As pessoas precisam de tudo isso. Elas precisam ter segurança, saúde e educação e precisam do simbólico, do cultural, do que as representa. Um país feliz lida com todos esses direitos de forma articulada.

De acordo com dados do Ministério do Turismo, o carnaval injetou 11 bilhões de reais na economia brasileira em 2018.

Quanto foi investido no carnaval? Sinceramente, vemos cada vez menos investimentos e cada vez mais discursos alimentando preconceitos.

Dez milhões de brasileiros viajaram durante o carnaval, e 400 mil estrangeiros curtiram a folia, que é samba e cidadania, no nosso Brasil. Nós temos um grande orgulho.

Vou passar a palavra aos nossos convidados para que eles falem do carnaval como economia criativa, como cidadania e como simbólico, como arte.

Registro que a Câmara dos Deputados, nesta tarde, tem inúmeras reuniões acontecendo ao mesmo tempo. Nós vamos nos mobilizar entre todas elas pelas atribuições que temos.

Agradeço a todos e todas que estão acompanhando esta audiência.

Justifico por que as audiências estão acontecendo. Quando esta luz vermelha aqui está acesa, isso significa que o Plenário da Câmara dos Deputados está funcionando. Enquanto as votações ocorrem lá, nós não podemos deliberar nada aqui, o que podemos fazer é um debate. Isso também está segurando um pouco as outras reuniões. Quando esta luz apagar, talvez tenhamos de estar em outra reunião também, mas vamos nos organizar de forma que tudo fique gravado, as deliberações sejam tomadas, os encaminhamentos sejam feitos e tudo seja compartilhado entre todos os integrantes desta Comissão, homens e mulheres que trabalham, que se dedicam ao nosso País.

Agradeço mais uma vez a todos e passo a palavra, de imediato, ao Kaxitu Ricardo Campos, Presidente - temos presidentes e presidentas também, porque o sistema é presidencialista - da Federação Nacional das Escolas de Samba - FENASAMBA. Kaxitu, você tem a palavra.

Vamos defender o nosso carnaval e o povo brasileiro.

O SR. KAXITU RICARDO CAMPOS - Boa tarde a todas e todos. Agradeço à Comissão de Cultura, à Câmara dos Deputados, à Deputada Maria do Rosário por voltar a abrir a porta da Casa do Povo para podermos discutir uma das maiores atividades culturais deste País. Acho que uma das grandes formas de se falar do Brasil é falar de samba, de escola de samba, de carnaval.

É importante podermos discutir esse assunto, até pelo momento que nós estamos vivendo, como a Deputada falou, um momento de muita intolerância, de muito preconceito principalmente contra as causas populares, contra as causas que vêm da cultura negra. O samba, o carnaval e a escola de samba ocupam um desses polos que hoje é atingido fortemente por essa onda de preconceito.

Nós estamos hoje na segunda audiência pública feita por esta Casa para discutir o tema carnaval. Na primeira, que ocorreu em 2013 e foi realizada também pela Comissão de Cultura, já estiveram presentes grandes técnicos, pessoas do Governo daquele momento, Parlamentares, dirigentes de escolas de samba. Naquela época nós já tínhamos diagnosticado as dificuldades para a organização e para o financiamento do carnaval.

É muito importante o trabalho da Câmara dos Deputados, porque naquela audiência se abriram, pela primeira vez, as portas do Estado brasileiro, especialmente as dos Parlamentares, para se discutir o carnaval. Ali nós plantamos importantes sementes para que avançasse o reconhecimento pelo Estado brasileiro do carnaval e da atividade da escola de samba, coisa pela qual mais lutamos a partir inclusive da federação. Passados 6 anos dessa primeira audiência, nós ainda continuamos lutando pelo reconhecimento da atividade mais importante da raiz do povo brasileiro, que é a da escola de samba, que é o samba, que é o carnaval.

A nossa ideia é, nesta audiência de hoje, avançar a partir das discussões, do trabalho feito. Foi realizado um estudo para entendermos o tamanho do carnaval brasileiro. Criaram-se pontes importantes na relação com o Governo Federal. E nós precisamos dar o segundo passo, que seria o definitivo.

A Federação das Escolas de Samba é também resultado daquela primeira audiência pública. A partir do trabalho feito pela Comissão de Cultura de unir os dirigentes do carnaval pelo Brasil inteiro, juntamos para um estudo sete praças de carnaval e, a partir das nossas conversas, das nossas necessidades, pensou-se na FENASAMBA, criada oficialmente em julho do ano passado. Eu não me lembro bem da data, mas ocorreu na feira Carnavália. O Moa e a Dra. Jaque talvez me lembrem da data correta. Foi no dia 15 de julho, não é?

Deputada, nós queremos, com a sua sensibilidade, com a sua liderança, partir para o segundo passo. Nós precisamos, de fato, que o Estado brasileiro, através dos entes federal, estaduais e municipais, reconheça e fomenta a nossa atividade, porque o carnaval, antes de tudo, é uma atividade econômica para o País hoje. Ele é uma atividade que acolhe muita gente que está invisível na sociedade e é maltratada e dá emprego a essas pessoas.

Um exemplo claro: as pessoas com mais de 40, 50 anos têm dificuldade de encontrar trabalho hoje no País. As escolas de samba basicamente dão atividades para essas pessoas que não conseguem espaço, empregando-as como costureiras, etc. O cooperativismo é muito difundido nas escolas de samba. Esse é um pequeno exemplo das atividades que vão além da

cultura, que dão emprego, dão renda a uma população que está fora, está excluída do mercado de trabalho.

Para mim, que sou uma pessoa defensora da cultura, é até um pouco difícil, às vezes, fazer essa discussão, mas ela é importante para o nosso País. Uma das coisas mais difíceis de discutir é a questão do negócio do carnaval, da economia do carnaval, porque é basicamente nisso que o processo de preconceito se dá. Quando não se investe num desfile de carnaval, não estão sendo prejudicadas só as pessoas que vão desfilar, mas uma cadeia de negócio, de trabalho, ou seja, as pessoas que vivem da relação com aquela comunidade. Isso é muito ruim inclusive para outras situações, como segurança, trabalho. Enfim, há uma série de dificuldades por conta do investimento que as Prefeituras ou o Governo do Estado deixam de fazer nas comunidades.

É importante nós dizermos isso e partimos para esta discussão: como o nosso País nos vê? Só em São Paulo, nas escolas ligadas à União das Escolas de Samba Paulistas, entidade da qual eu fui Presidente, mais de 40 mil pessoas desfilam, e a linha de produção direta envolve 7 ou 8 mil pessoas, sendo que não fazem parte da minha entidade as escolas do Grupo Especial. Só o Grupo Especial tem mais 50 ou 60 mil desfilantes e emprega muito mais gente do que as escolas pequenas. Em São Paulo há cerca de 100 escolas de samba, nas quais, durante 9 ou 10 meses, acontecem, entre outras coisas, atividades culturais, ensaios em quadra, escolhas de samba e trabalhos nos barracões com fantasias e reciclagem de material. É essencial que discutamos a importância cultural e econômica disso.

Encerrando a minha fala, a federação foi criada no ano passado a partir da construção que fizemos. Hoje já foram organizadas quase 60 ligas no Brasil inteiro, em 12 Estados, representando cerca de 600 e poucas escolas de samba. Daqui a 15 dias acontecerá a nossa segunda assembleia geral no Rio de Janeiro, para a qual todos estão convidados. Já fizemos um seminário em Porto Alegre, com o companheiro Juarez, e vamos realizar outro no Amapá em setembro. Então, temos já muitos avanços e vamos acompanhar, junto com a Comissão de Cultura, todos os passos que forem dados no sentido de, o mais rápido possível, termos o que nós mais queremos: uma política pública relacionada a escolas de samba e ao carnaval.

Desculpe a demora da minha fala.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Muito obrigada. Parabéns pelo trabalho, Kaxitu Ricardo Campos, Presidente da FENASAMBA. Parabéns pelos seminários também. A Câmara dos Deputados quer se integrar a eles e apoiá-los, sobretudo através da Comissão de Cultura.

Eu tenho muito orgulho de dizer que várias entidades estão aqui, além das que compõem a Mesa, cuja presença já estava prevista. Nós temos pavilhões aqui à frente. Vocês podem me ajudar lendo o que está escrito neles? Este é o da União das Escolas de Samba e Blocos de Enredo do Distrito Federal - UNIESBE.

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Pode falar no microfone, por favor, Moacyr.

O Moacyr Oliveira Filho é o Presidente da Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro - ARUC. Ele vai nos dizer quais são todas as entidades que estão aqui, para nossa alegria.

O SR. MOACYR OLIVEIRA FILHO (MOA) - Lá atrás, nós temos o pavilhão da Acadêmicos da Asa Norte. *(Palmas.)*

Aqui na frente estão os pavilhões da União das Escolas de Samba e Blocos de Enredo do Distrito Federal *(palmas)*, da Federação Nacional das Escolas de Samba *(palmas)*, da Escola de Samba Águia Imperial de Ceilândia *(palmas)*, da Escola de Samba Bola Preta de Sobradinho *(palmas)* e da Acadêmicos do Riacho Fundo II *(palmas)*, lá na ponta. Essas são escolas de samba de Brasília.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Muito bem! Nós ficamos muito felizes. Eu creio que elas todas estão representando as escolas de samba, blocos e clubes do Brasil inteiro.

Na minha cidade de Porto Alegre, como eu disse no início, existem também tribos, algo específico de lá e muito bonito.

O SR. KAXITU RICARDO CAMPOS - Deputada, desculpe-me.

Hoje Brasília é Brasil, não é? Muito obrigado às escolas de samba aqui presentes.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - É, Brasília é Brasil. Palmas para vocês. *(Palmas.)*

Eu também agradeço muito às pessoas que estão nos assistindo pela Internet - a audiência está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara. Sobretudo, eu envio um abraço à Sandra Tarragô, pesquisadora do carnaval, que está em Porto Alegre. Ela foi convidada, mas não pôde estar aqui e está nos assistindo de lá. Ela contribui muito com a luta.

Juarez Gutierrez, Presidente da Liga Independente das Escolas de Samba de Porto Alegre, está com a palavra.

O SR. JUAREZ GUTIERRES - Boa tarde a todos.

De forma bem sintética, vou agradecer à Deputada Maria do Rosário pela possibilidade de estarmos aqui após 5 anos. Em 2013, quando estava se instalando de forma independente a Comissão de Cultura, o carnaval estava aqui, Deputada. Lá em 2013, numa das primeiras sessões independentes da Comissão de Cultura, desconectada já da Comissão de Educação, nós estávamos aqui com a Deputada Jandira Feghali, do Rio de Janeiro.

Hoje temos a satisfação de estarmos sendo recebidos de portas abertas pela Câmara, que é a Casa do povo, com base nesse pensamento muito líquido e certo de igualdade, e nós entendemos que é extremamente importante que exatamente ele defina o carnaval.

Para mim, o carnaval é o espaço legitimamente mais democrático que eu conheci ao longo da história, nos meus 62 anos. Não existe nada mais democrático do que o espaço de uma escola de samba. Essa é a definição a que eu consigo chegar. E esse espaço é muito contestado, como foi muito bem colocado pela Deputada, com referências e resquícios inclusive de preconceitos - eles existem, sim. Mas esse não é mais o viés no qual ficamos batendo, embora tenhamos a certeza da existência dele. Agora nós queremos mostrar exatamente essa cadeia produtiva, essa inoperância das gestões municipais, estaduais e, por vezes, até da gestão federal, que faz com não chegue à ponta, às comunidades, o necessário para atender às demandas que estão escritas na própria Constituição Federal. O art. 215 também prevê direitos. Atender às demandas já conhecidas é necessário, mas atender à nossa também é necessário.

Qual é o povo que vai ficar sem contar a sua história, sem poder fazer a sua história, sem poder ter cultura, entretenimento, lazer? Isso é uma obrigação de Estado também. E os poderes públicos, a partir dos Municípios, têm que compreender que fomentar não é investir, é retribuir aquilo que aquela fatia da própria sociedade traz como contribuição para a inclusão social, para a geração de emprego e renda, para a formação de todas as mãos de obra.

Muita gente que desconhece o carnaval, Deputada, não sabe que ele envolve todas as artes. O carnaval não deixa de fora nenhum dos movimentos artísticos conhecidos, sejam eles das artes cênicas, sejam eles da dança, sejam eles das artes plásticas. Tudo o que se imaginar está no carnaval. As mãos de obra todas são potencializadas. Agora nós precisamos fazer com que os poderes públicos constituídos, com que os nossos representantes reconheçam isso.

Se houver outros Deputados aqui nesta reunião, cumprimento-os na pessoa da Deputada. Agradeço-lhes, em nome do carnaval, esta oportunidade de podermos fazer a partir dessa discussão um documento que dá segmento a uma reunião iniciada em 2013.

Nós sabemos da morosidade. Na sexta-feira passada, dia 6, eu estava reunido com uma comissão que estava fazendo a seleção dos oficinairos que vão executar um projeto que nasceu em 2013, e nós já estamos em julho de 2018. Nós sabemos que é assim e não queremos nem apressar o processo. O que queremos é o respeito dos poderes constituídos por este movimento legítimo, democrático, que nasce e predomina nas classes mais baixas.

Os governos deveriam estar muito atentos ao trabalho que o carnaval faz para eles. Por vezes, quando nós deixamos de ser os escolhidos até para um assalto, o que aconteceu, na realidade, é que, através das nossas baterias, das nossas oficinas de dança, trouxemos alguém para dentro das nossas quadras e o fizemos conhecer outro viés. Então, estamos aqui para trazer e elucidar esses fatos. Queremos demonstrar que não estamos pedindo. Não queremos mais passar o pires. Essa é a grande verdade.

Nós tomamos um grau de consciência, Deputada, de que não temos mais a necessidade de passar o pires. Mas nós temos a obrigação de fazer com que as pessoas entendam o que é o carnaval, saibam a sua história, ao que ele se propõe e qual é a utilidade dele para a sociedade como um todo. A retribuição econômica está mais do que provada por todos os estudos, inclusive científicos, que estão sendo feitos hoje, saindo do achômetro. Hoje nós temos dados que verdadeiramente mostram ao poder público que o desembolso feito não é investimento. Fomentar a cultura carnaval, as suas mais diversas vertentes, sejam os blocos, sejam os cordões, sejam os clubes, no formato que for, é uma obrigação do Estado por tudo que o carnaval faz, e só não enxerga isso quem não quer.

Desculpa eu estar me alongando sem explicar tanto. Estou desabafando um pouco também.

O que nós não queremos, Deputada, é ouvir mais retóricas. Não aguentamos mais ouvir que não colocam dinheiro na cultura popular - vamos tratar da cultura popular como um todo e depois trazer o viés do carnaval e das escolas de samba, assim como dos blocos, que também estão representados aqui - porque ele está sendo colocado na educação, na saúde, na segurança. A questão é que já há verbas, dotações específicas para essas finalidades. Por que a nossa área não está na mesma situação? Por que as políticas públicas da cultura popular não estão consagradas na legislação brasileira ou não estão aperfeiçoadas?

Além das entidades cujas bandeiras o Moacyr já leu, através da FENASAMBA estão aqui representadas mais de 700 escolas e mais de 60 ligas de escolas no Brasil. Então, este evento é muito representativo. Que os registros taquigráficos que teremos se transformem em documentos para que todo o cenário político brasileiro, através da Câmara Federal e de todos os outros organismos que serão movimentados a partir deste trabalho, possa ter conhecimento de tudo isso que acontece.

Por vezes pode parecer que nós estamos sós, mas não estamos. Sempre temos alguém que nos escuta, que abre um espaço, que nos dá a oportunidade de trazer para o grande público, a partir do poder do Parlamento, esse conhecimento. No mais, quero agradecer a todos que destinaram esse tempo para estar aqui nesta audiência. Nós sabemos dessas demandas todas.

Reiteramos nosso agradecimento à Deputada Maria do Rosário, não só por ela, pela condição de Deputada, ter nos dado oportunidades, mas por ela, diante de tantas demandas, num encerramento de atividades inclusive, quando tudo se acumula, nos permitir estar aqui. Nós estamos aqui, sim, 5 anos depois, não para começar, mas para dar continuidade a um trabalho que começou e não parou nunca, e os frutos estão sendo colhidos agora.

A semente da FENASAMBA já é uma realidade. A seleção de oficinairos que fizemos no dia 6 passado, sexta-feira, foi resultado de conquistas lá de 2013. Queremos que as oficinas sejam permanentes, perenes. Queremos políticas públicas concretas, não que cada governo que passa aplique um entendimento diferente. Na realidade, nós queremos é que esteja consolidado em algum lugar o direito que o carnaval tem, para que possamos todos os anos saber que ele será fomentado, não que haverá investimento nele.

O carnaval não é um investimento, porque eu não considero que haja um desembolso do poder público. O poder público arrecadou 11 bilhões de reais, e sabe-se lá quantos por cento desse valor foram aplicados em forma de fomento nos carnavais que o Brasil todo apresentou para milhares e milhares de pessoas. Aliás, as imagens também vão para fora do Brasil, para mais de 165 países, que acabam conhecendo uma parte positiva do Brasil através do nosso carnaval.

Obrigado. Não vou me estender, porque há gente na mesa com quem divido o tempo. Cada um vai falar um pouco de tudo que é o conteúdo, que para nós é o cotidiano. Quem está nos ouvindo vai receber um somatório de informações que com certeza vai de alguma forma contribuir para que o nosso amanhã do carnaval seja bem mais concreto do que é o hoje.

Estamos lutando há muitos anos, tanto é que muitos dos personagens presentes aqui estavam na audiência de 2013.

Obrigado, Deputada. Obrigado a todos da Mesa. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Muito obrigada, Juarez Gutierrez. Fico muito feliz de ver também a representação da cidade de Porto Alegre.

Vou passar a palavra ao Edinei Luiz Soares Martins, que é o Vice-Presidente Sul da FENASAMBA, e depois para o Sandro. O Edinei me disse que é da Acadêmicos da Orgia, não é isso? Essa é uma escola do meu coração também, junto com a Samba Puro. Eu tenho que fazer as minhas declarações, apresentar minha lista também.

Foi na Acadêmicos que tive a minha primeira experiência de relação com as escolas, com o carinho das escolas, e isso nós

nunca esqueçamos, não é? Então, minha gratidão também à Acadêmicos, que é uma escola muito tradicional na cidade de Porto Alegre.

Edinei, antes de te passar a palavra, quero falar de uma mulher que é uma guerreira. Ela merece todo o meu apoio e a minha consideração. Eu vejo muito do trabalho dela e a admiro muito. Ela é a Deputada Federal Erika Kokay, do Distrito Federal. *(Palmas.)*

Eu quero que V.Exa. fale daqui. Eu compartilharei a Presidência com V.Exa., o que será registrado na ata, porque compartilhamos, do mesmo lado, as brigas com o mundo, com aqueles que são muito malvados. Então, sente-se aqui, Deputada Erika Kokay, para falar a partir da cadeira da Presidência.

A SRA. ERIKA KOKAY (PT - DF) - Eu que tenho uma alegria grande por ter cruzado, durante a realização do meu mandato, com a Deputada Maria do Rosário. Digo isso pelo que ela representa: firmeza na defesa dos direitos, na defesa de um país mais justo e solidário. Deputada Maria do Rosário, sua atuação dignifica o Parlamento brasileiro, sem nenhuma dúvida

Eu venho até aqui apenas para saudar esta discussão sobre cadeias produtivas relacionadas ao carnaval, e o faço por conta da compreensão que eu tenho do que representa essa festa. O carnaval carrega muita brasilidade e conta as nossas histórias. As escolas de samba são contadoras de história, porque constroem um enredo e fazem isso incorporando os ritmos que foram criados e aprimorados.

O Brasil tem o que chamo de capacidade antropofágica. Nós pegamos o que vem de fora e transformamos em coisa nossa. Vejam o futebol. Ele não nasceu no Brasil, mas foi absorvido por este País, que fez desse esporte uma expressão brasileira. Assim, temos o carnaval como uma expressão do Brasil, que é uma síntese de tantas experiências e tantos ritmos.

No entanto, a questão não é apenas o que o carnaval representa de brasilidade. Estamos num momento em que querem nos impor as expressões que vêm de outros cantos e fazer com que nós nos sintamos inferiorizados com o que produzimos neste País. O Brasil, através da PETROBRAS, construiu a melhor tecnologia de prospecção de petróleo em águas profundas, necessária para explorar o pré-sal, do mundo, e a PETROBRAS e esse pré-sal estão colocados à venda em uma bandeja de prata. O Brasil desenvolveu aquela que é a maior empresa do mundo na construção de aviões até 150 lugares e a terceira maior na fabricação de qualquer tipo de avião, a EMBRAER, que eles também estão querendo vender. O que eu quero dizer com isso é que o carnaval é um dos poucos momentos em que afloram sentimentos, que às vezes não temos, em relação ao que este País produz de inteligência e de cultura, e o Brasil se ergue e se agiganta.

No carnaval, o Brasil se agiganta e passa a desfilarmos com a soberania que tem o nosso povo, que, muitas vezes, é explorado durante todos os dias do ano e, no carnaval, se agiganta, resgata uma autoestima, um poder. É um empoderamento popular que nós precisamos transformar em uma expressão cotidiana.

Para além disso, com todas as características que representa o carnaval do ponto de vista da nossa cultura, uma escola de samba não funciona só durante o carnaval, funciona durante todo o ano, todo ano. Ali é um espaço, um território de liberdade, de brasilidade, um território cultural. As escolas de samba são isso, e grande parte delas nem sede têm, porque o Governo não considera isso importante.

As escolas passam a ser a expressão do imaginário de um povo que está em um determinado lugar, que constrói e cria a sua escola de samba e faz dela uma expressão dele mesmo. Portanto, isso tem um poder imenso em um País onde nós temos tanto, como dizem e como dizia Nelson Rodrigues, complexo de vira-lata. Sentimo-nos sempre inferior a outros locais. Esse brilhantismo e essa autoestima, no carnaval, têm que se expressar.

Penso eu que a cultura é um dos instrumentos mais profundos para que se possa desconstruir relações de violência. Muitas vezes, por esse sentimento, um menino quer impor a sua força através do embate com outro, e ele impõe a sua força através da graça e da expressão artística que o carnaval carrega. Portanto, se as escolas tivessem estrutura para funcionar durante todo o ano e se houvesse ali espaços - e muitas têm - de capacitação dos nossos meninos e meninas, eles poderiam se reunir e se agregar, em um País em que nós precisamos de espaços públicos, porque não temos mais as praças. As pessoas têm medo de ir às praças, particularmente à noite. Então, não há espaços públicos, e as escolas seriam esses espaços.

Para além disso, há toda uma construção, porque quando se elabora um desfile ou a entrada de uma escola na avenida, movimentam-se inúmeros segmentos da produção. Já tivemos experiências no Bola Preta, por exemplo, aqui em Sobradinho, onde havia oficinas em que os meninos aprendiam a fazer a indumentária, a alegoria, a construir os instrumentos, a tocar os instrumentos. Ah, mas com que poder esses meninos saíam! Um menino que sai com esse poder se transforma. Ele não precisa sentir-se empoderado com uma arma na mão ou um embate físico com outro. Ritualizam-se as expressões de força e de autoestima dessa comunidade.

Nós estamos aqui discutindo a importância da cadeia produtiva, que é imensa, porque aciona uma série de outros aspectos. Estamos discutindo também a importância da política cultural para a construção de um povo. A cultura é a expressão de um povo, e não há nada mais relacionado e atávico à construção brasileira de uma cultura de nossa brasilidade do que o próprio samba.

Então, penso eu que nós deveríamos aqui estar construindo, nesta Comissão de Cultura, uma subcomissão - e nós estamos com o ano findando, praticamente, porque vai haver eleições, mas, se não der para construirmos aqui, construímos em seguida - para discutirmos a economia criativa e a cadeia produtiva do samba no nosso País.

Não são só as escolas de samba de certo, mas o pandeiro e a caixa de fósforo e aquilo que foi cantado por Noel Rosa, por Cartola e por tantos artistas do nosso País. Isso é o samba. Ele resgata a nossa identidade, o nosso amor por esta Pátria e a nossa autoestima, ele desconstrói as relações de violência, ele aproxima uma comunidade, que se organiza para sair junta, para desfilar junta, que se estrutura, que se organiza e cria laços comunitários fundamentais para o sentimento de pertencimento.

Então, eu sugiro que, se não der para este ano, para quem aqui estiver no próximo ano, possamos estabelecer uma subcomissão para discutirmos esse processo e que nós - esta Comissão -, de imediato, façamos uma reunião com o Ministro da Cultura para estabelecer um grupo de trabalho no Ministério da Cultura, com a participação de representantes das escolas e do samba para que nós tenhamos uma proposta para colocar na Lei Orçamentária deste ano para, a partir

daí, criar as condições de construção de cadeias produtivas. *(Palmas.)*

Digo isso porque, aqui em Brasília, nós estamos, Juarez, há 4 anos, sem desfile de escola de samba. E eu saio todos os anos na minha escola, a Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro - ARUC. *(Palmas.)*

Já desfilei também na Acadêmicos da Asa Norte, mas desfilo na ARUC, todos os anos. Enfim, desfilo na minha escola, e nós estamos sem esse espaço de desfile das escolas de samba.

Sugiro que nós possamos fazer uma reunião com o Ministro da Cultura para construirmos uma proposta, para colocar na Lei Orçamentária, de resgate dessa cadeia produtiva. Nós precisamos também - e as ligas e a federação tentam um pouco - ter uma sinergia do conjunto das escolas, não apenas para discutir a verba, o financiamento para o carnaval, não apenas para discutir o próprio desfile e as suas condições, mas para fazer isso permanentemente.

Se esta Comissão marcar uma reunião com o Ministro, nós chamaremos as representações para que lá nós possamos sugerir a construção de um grupo de trabalho para, quando a Lei Orçamentária entrar aqui nesta Casa dia 31 de agosto, que sejam contempladas as condições para criarmos as cadeias produtivas do samba, para que nós possamos dizer, como a música: *"Quem não gosta de samba bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé"*.

Um abraço. *(Palmas.)*

Pois veja que eu já desfilei na Acadêmicos, que já homenageou o sindicato do qual eu fui presidente. E eu desfilei na Acadêmicos não foi no chão, foi em um carro alegórico. *(Risos.)*

E ainda me controlei para não desafinar a bateria, porque corria um risco grande. É uma bateria que não sobra nenhum naipe, bateria nota dez. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - V.Exa. que é uma Deputada nota dez.

A Deputada Erika vai segurar a reunião ali ao lado, aonde tenho que chegar daqui a pouquinho.

Eu queria dizer que ela já fez algumas propostas - excelentes propostas -, entre as quais a reunião com o Ministério da Cultura. Quem quiser ir, de qualquer partido, pode, porque aqui a Comissão é de todos os partidos. A Presidente, inclusive, não é do nosso partido, mas todos apoiaram a realização desta audiência, sabendo que haverá desdobramentos.

E eu já fui ao ouvido do Dr. Moacyr Oliveira Filho, do Geomar Climentino e da Letícia Helena, que são de Brasília, e perguntei a eles, caso não tenhamos condição de seguir com a audiência - diante da votação na outra Comissão, onde sou titular - e não havendo quem substitua aqui, se ficariam muito tristes se nós remarcássemos para ouvi-los, em um outro momento, especificamente vocês de Brasília. Inclusive, veríamos o vídeo da Sandra Tarragô e os enviados por pessoas de outros Estados.

Peço licença e desculpas. É o último dia antes do recesso, e não queríamos deixar de realizar a audiência, mas estamos com problemas para segurar algumas votações na Câmara dos Deputados.

Vou passar a palavra ao Edinei e depois ao Sandro. Vamos fazer um encaminhamento, mas eu vou me desculpar devidamente, fazendo tudo direitinho, comprometendo-me duplamente com o senhor aqui.

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - Boa tarde, Deputada. Boa tarde a todos os presentes.

É uma satisfação estar aqui representando o nosso segmento, principalmente a Região Sul, da qual sou representante dentro da Federação. Para ser rápido e breve, até por todas essas questões e para que consigamos ouvir nem que seja um representante de Brasília, vou ler um breve histórico, fazer uma síntese do que peguei como cadeia produtiva.

O carnaval brasileiro gera emprego e renda, promove o desenvolvimento econômico através da indústria e tem nos serviços de transportes aéreo, marítimo e terrestre, de hospedagem e de alimentação sua base. A indústria de bebidas e de fabricação de instrumentos musicais também são importantes, assim como prestadores de serviços gráficos, editoriais, mídia e entretenimento fonográfico, que todos os anos lucram significativamente com o carnaval.

O carnaval e a festa que movimenta a economia têm uma quantidade de setores beneficiados que chamamos de cadeia produtiva do carnaval, que abrange todas as atividades envolvidas na pré-produção e pós-produção dos carnavais por todo o Brasil.

Quando se fala em economia carnavalesca, lembra-se de festas em bares, de hotelaria, de transporte, mas também há outros setores. O grupo econômico mais próximo e responsável pela realização do carnaval, o criativo, é composto por artistas, produtores, gestores culturais, *designers*, arquitetos, engenheiros, produtores e fornecedores de fantasias, de abadás, de bonecos gigantes, de adereços e enfeites, de máscaras e complementos.

Isso tudo na pré-produção, sem falar do desfile.

Nós também temos um grupo complementar que é responsável por fornecer os insumos para quem faz a festa. Estão aí incluídos a indústria e o comércio de insumos e componentes para fabricação de fantasias, decoração de espaços, indústria e comércio de instrumentos musicais, montagens de palcos, estruturas e moldagens de fibra de vidro e materiais plásticos, serviços de comunicação.

Há também o varejo. O carnaval, de certa forma, contribui com a economia. Há benefícios indiretos, como já falamos, comércio de bebidas, alimentos, serviços, transportes, hotelaria, hospedagem informal, higiene, beleza, academias de ginástica, cursos de dança e de percussão, indústria química, entre outros tantos.

E, quando se fala em turismo, o carnaval gera economia até para quem não gosta de carnaval, que são aqueles que saem dos polos onde ocorrem as festas em busca de retiros espirituais, de descanso e tudo o mais.

Em suma, Deputada, o carnaval tem sido marginalizado. Está voltando aos seus primórdios. A oportunidade que estamos tendo aqui - na verdade, pela segunda vez - será muito importante para darmos um passo maior ali na frente, mais um passo, como o que foi dado em 2013.

Para concluir, quero dizer que, para nós, o carnaval é uma enorme paixão. É tão apaixonante que hoje tenho dois corações: um aqui, perante vocês; e o outro em Santa Cruz do Sul, cidade que escolhi para viver e onde meu filho está fazendo 5 anos. Ele entendeu perfeitamente que o carnaval é uma paixão grande em minha vida, assim como ele, e permitiu que eu aqui viesse explicar, neste pouco tempo, a realidade da cadeia produtiva do carnaval.

Muito obrigado pelo que a senhora tem feito por nós aqui. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Edinei, como é o nome do seu filho?

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - Miguel Pietro.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Vamos bater palmas para o Miguel, que está completando 5 anos.
(Palmas.)

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - O papai te ama, filho.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Carnavalesco! Firme! Que beleza! Meus cumprimentos! Tudo de bom na vida!

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - Muito obrigado, Deputada.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Gostei muito de saber disso, porque também há uma dimensão humana. Imagino quantas vezes vocês levam os filhos pela mão.

Passo a palavra ao Sandro.

Se nós conseguirmos outro Parlamentar para ficar aqui, poderemos seguir.

Acho que eu desequilibrei as coisas, Sandro. Eu montei a primeira Mesa, mas, quanto aos componentes do DF, não coloquei ninguém. Aí também fica ruim!

(Intervenções fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Não! Não posso!

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Eu vou lhe dizer uma coisa, Sr. Moacyr, não posso ser injusta. Então pergunto se posso convidar alguém do DF agora para a Mesa.

(Intervenções fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Então venha, Sr. Geomar. Pode ser?(Pausa.)

Eu convido Letícia.

Mesmo que seja por um curto tempo, se todos usarem a palavra um pouquinho, eu vou me sentir mais justa, vou sentir que estamos fazendo as coisas mais certas. Pode ser, Sr. Moacyr?

O SR. MOACYR OLIVEIRA FILHO (MOA) - É claro! Vamos embora.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Obrigada.

Também agradeço ao Kaxitu Ricardo.

O Edinei também já trocou.

Moacyr, quer trocar com o Juarez?(Pausa.)

Vamos nos ajudando, fazendo as coisas juntos.

Eu estou na maior informalidade, porque, na verdade, nós nos sentimos juntas e juntos.

Vamos tentar levar a reunião por mais um pouquinho.

Peço ao Jackson que fique de olho, porque na outra sala querem impedir que, nas escolas, exista liberdade, debates. Eu sou membro daquela Comissão, por isso estou um pouco preocupada em como contribuir lá e aqui.

Com a palavra Sandro Rafael Martins dos Santos, produtor cultural, gente do carnaval, gente de bairro, gente de comunidade, gente boa.

O SR. SANDRO RAFAEL MARTINS DOS SANTOS - Boa tarde a todos e todas.

Quero agradecer à Deputada Maria do Rosário por disponibilizar este espaço aqui para o mundo do samba, para o mundo do carnaval, para as escolas de samba. Também não teria como não agradecer àquele que nos abriu a porta em 2013, assim como à Deputada Jandira Feghali, ao Deputado Paulo Ferreira, que hoje não é mais Deputado, mas também foi um articulador do nosso carnaval.(Palmas.)

Como o Kaxitu falou, muito foi construído, Deputada Maria do Rosário, naquela audiência pública, a que eu não estava presente. O fato de não estarem presente aqui hoje, como muitos não estão, não impede que participem do debate.

Naquela ocasião, não estava presente, mas, posteriormente ao debate, ajudei também na construção. Muitos não estão aqui hoje, mas estão atentos, ligados pela Internet ao debate, e vão ajudar na construção.

Espero que, na próxima audiência pública que venha a ser feita aqui, a Deputada Maria do Rosário também seja lembrada como mais uma Deputada parceira, que nos abriu as portas.

Deputada, atualmente não estou à frente de nenhuma entidade carnavalesca, mas desempenho algumas ações no carnaval, como produção cultural, especificamente na elaboração, produção e construção de carnavais em algumas cidades no Estado do Rio Grande do Sul. Coube-me aqui apontar algumas ações realizadas em todo encontro que a FENASAMBA proporciona. Eu não faço parte da diretoria da FENASAMBA, mas me sinto representado pelas pessoas da Federação, além de me sentir integrante também.

Em todo encontro que a Federação realiza, é produzido internamente um documento que chega depois às mãos dos membros da Comissão. E, neste documento, sempre são apontadas algumas diretrizes que se tornam ação da Federação, porque a Federação foi constituída para que lutassem mesmo pela organização do carnaval brasileiro.

E nós - escolas de samba, produtores - temos conversado, feito algumas reuniões, como ocorreu na Região Sul, e algumas ações que a Federação tem priorizado debater.

Uma delas é a consolidação, como a Deputada Erika Kokay colocou muito bem, de uma política cultural específica para o carnaval. Respeitamos toda a construção política que é feita pelo Ministério da Cultura em termos de construção política cultural, mas o carnaval tem a sua especificidade. É o maior evento brasileiro. E queremos fazer a discussão da consolidação dessa política cultural específica para o carnaval.

O segundo ponto que nós queremos discutir é o financiamento cultural do carnaval. Mas que financiamento é esse? Não é o financiamento que está posto aí. Vemos a maneira como a política cultural foi organizada através do Sistema Nacional de

Cultura e até mesmo da Lei Rouanet. A Lei Rouanet tem um tripé: o Fundo Nacional de Cultura; o Mecenato, que todo mundo conhece, que é a isenção fiscal; e o financiamento cultural que nunca saiu do papel, o FICART. Hoje, o que muitos carnavais precisam é desse financiamento para poderem existir.

Se o Município não tem recurso, como nós vamos organizar o nosso carnaval? O carnaval é rentável de um certo ponto de vista. O que falta é o recurso para executar, o financiamento cultural dialogando com as políticas. Se há hoje financiamento para o produtor rural, por que não haver para os produtores culturais realizarem os seus eventos? Não falo de eventos, porque as artes brigam também pelo crédito cultural. Queremos do ponto de vista do fomento cultural, com juros baixos, para que o produtor possa buscar o recurso pelos bancos, mas com financiamento a juros baixos, não o microcrédito. Sabemos que, para o carnaval, tem que ser um valor considerável, mas, se conseguirmos apresentar para o banco que o carnaval é rentável, buscaremos aquele dinheiro e pagaremos. É o retorno financeiro para o banco mais óbvio, mais rápido, porque não esperamos a plantação, esperamos o evento. Deu certo o evento, com o borderô se paga. É isso que precisamos do ponto de vista do financiamento cultural.

Não falo só do ponto de vista do carnaval. Eu falo do ponto de vista dos festejos populares, dos festejos do sagrado. Há muitas festas hoje que dialogam com o sagrado que também não têm o apoio público. Quando eu abro para o sagrado, abro para um considerável número de festejos.

Outro ponto que nós estamos discutindo é o reconhecimento por parte do IPHAN das escolas como patrimônio imaterial. Por que isso?

Sabemos que a Lei Rouanet vem sofrendo uma série de ataques. Embora sejam poucos os Municípios que consigam captar pela Lei Rouanet, principalmente em relação ao carnaval - para o carnaval sabemos que a isenção é de 100% -, quando cair a isenção da Lei Rouanet, e aqui estão os consultores, que devem estar por dentro disso, saindo do art. 18 para o art. 26, que não pega a isenção de 100%, ficará difícil a captação. Se cair isso na Lei Rouanet para o carnaval, vai ficar extremamente inviável.

Se nós conseguirmos colocar o reconhecimento do carnaval e das escolas de samba como patrimônio imaterial... Aí entra muito aquilo que a Deputada Erika Kokay estava dizendo aqui, o trabalho das escolas de samba nas suas comunidades. Um último ponto que está na esfera de defesa da FENASAMBA para esse próximo período é a capacitação dos gestores culturais frente às mudanças que houve agora no Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil, o MROSC. Nem mesmo os gestores municipais estão conseguindo dialogar corretamente com o Marco Regulatório em políticas essenciais no Município, que dirá a cultura! Então, é importante o segmento cultural do samba e do carnaval passar por essa capacitação de acordo com o Marco Regulatório.

Deputada, para finalizar, eu acredito que o nosso País é pensado economicamente dentro da política de *commodities*. Quando levamos algo diferenciado da economia para dentro de Ministérios, eles não conseguem compreender. Mas não temos que fugir dos outros Ministérios por conta disso. Se temos toda essa contribuição econômica, temos que buscar Ministérios que são decisivos do ponto de vista de outras políticas, como, por exemplo, o Ministério da Indústria e Comércio, o Ministério do Trabalho, o Ministério do Turismo. Esses Ministérios poderão contribuir para as políticas culturais. Na audiência passada foi elaborada uma pesquisa pelo BNDES sobre a qual o Kaxitu falou. Eu era gestor da Fundação Palmares. Nós recebemos, acolhemos a pesquisa e apontamos um conjunto de diretrizes para a construção de um plano nacional da cadeia produtiva. Esse material está lá. Temos que retomar esse material, levar até os Ministérios. Também não estamos partindo; temos uma caminhada que precisamos retomar.

Eu vou finalizar por aqui, porque também quero ouvir os companheiros de Brasília. Em outro momento avançaremos em algum outro canal que a própria FENASAMBA vá criar.

Agradeço mais uma vez à Deputada e aos Deputados que também assinaram o requerimento desta reunião e aos demais presentes.

Obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Obrigada, Sandro.

As sugestões, as várias que nós anotamos, também ficam registradas, para buscarmos dar desdobramento depois da audiência. Nós queremos pedir, inclusive, que todos acompanhem.

Até queria dizer algo ao Edinei: as coisas na vida política de um país só se movem se o povo se move. Dentro da Câmara dos Deputados, de uma Câmara Distrital, de uma Câmara de Vereadores, na Assembleia Legislativa ou no Poder Executivo, onde quer que seja, tudo se move se o povo se move. Senão, os assuntos vão atropelando, e as questões populares vão ficando cada vez mais para trás. Então, vocês têm uma força que eu jamais diria ser uma força eleitoral, seria reduzi-la dizer se tratar de uma força eleitoral. Não! É uma força política, cidadã, de acompanhar e de saber que vocês estão lutando por direitos.

Então, eu queria referir isso para convidar todos a também acompanharem, não apenas neste ano, mas em todos os anos, porque o povo precisa estar aqui dentro da Câmara dos Deputados. E vocês do Distrito Federal são os que mais vêm, representando o povo brasileiro como um todo.

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - A senhora me permite um aparte, Deputada?

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Pois não.

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - Só quero deixar um dado.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Aqui existe uma regra: se citado, pode falar.

O SR. EDINEI LUÍS SOARES MARTINS - O Juarez sabe bem o que eu vou dizer. Nós estamos sofrendo um ataque, e, quando eu falo em ataque, é um ataque forte: lá em Porto Alegre, estamos sofrendo um ataque tão grande que escolas estão a ponto de perderem as suas quadras. Escolas são proibidas de ensaiar até certo horário. Então, temos que retomar uma discussão muito ampla. O que nós temos buscado, que era uma das falas que eu ia fazer, é o seguinte: onde o Estado abandona, a criminalidade toma conta. Se nós, escola de samba, e aí me refiro à escola de samba mesmo, ao terreiro, ao chão, que é antes da avenida, se a comunidade não abraçar os seus, através de políticas públicas, buscando o poder público para isso, o que vai ser do futuro do nosso País?

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Obrigada, Edinei.

Eu vou agora passar a palavra ao Geomar Climentino.

A única coisa pela qual vou pedir desculpas é que, realmente, quando fechar a reunião do Plenário, nós vamos ter que encerrar. Mas, de qualquer forma, eu acho que estamos nos organizando para, no futuro, nos mantermos juntos.

O SR. GEOMAR CLIMENTINO - Com certeza.

Boa tarde a todos e a todas, em especial aos Presidentes da Federação Nacional do Samba, da qual sou Vice-Presidente do Centro-Oeste - boa tarde ao Edinei, ao Juarez. Também cumprimento os Presidentes de escolas de samba que se encontram aqui: o nosso diretor financeiro da UNIESB, sem dinheiro, mas que está aí firme, o velho Dilson Marimba; o Marcelo, do Riacho Fundo II; o Presidente Assis, do Riacho Fundo II; o Ranieri Rezende, da Águia Imperial; o mestre Wagner, nosso diretor de bateria; o Jansen, da Asa Norte; o Chiquinho, da Asa Norte, que está aí também; o Ailton, que está ali, Menino de Ceilândia, que faz um belíssimo trabalho há anos junto com a gente, na nossa comunidade; enfim, cumprimento todos vocês que se encontram aqui.

Quero dizer da grata satisfação de ter participado, lá em 2013, do primeiro debate. Fizemos um belíssimo trabalho com o Deputado Paulo, naquela época, buscando sempre melhorar a condição do carnaval, não só em Brasília, mas no Brasil inteiro.

Na cadeia produtiva do carnaval, imaginariamente - há estudos que dizem isso -, milhares de pessoas se divertem, é natural, mas milhares de pessoas também trabalham, vivem de negócio, de trabalho e renda do carnaval.

A Fundação Estadual de Análise de Dados - SEADE mostra que no período pré-carnavalesco e no momento do evento são gerados 500 mil postos de empregos a cada ano. O próprio IBGE mostra que isso chega a ser 4% dos empregos do povo brasileiro, das carteiras de trabalho assinadas no Brasil. E 4% de 200 milhões de pessoas é muita gente, não é verdade? Então, é uma cadeia produtiva imensa, na qual pessoas colocam o seu conhecimento, a sua criatividade, principalmente, para gerar renda. A área criativa é a que gera a economia do carnaval como um todo.

O carnaval de Brasília, como bem disse a Deputada Erika Kokay, está há 4 anos sem seu desfile oficial. Eu estive em um seminário na semana passada, aqui no Plano Piloto, em que eu mostrei o que estão fazendo com o carnaval brasileiro. Nós desfilamos desde 1961, quando fizemos o primeiro carnaval de Brasília, com a Brasil Moreno, a Alvorada em Ritmos, escolas de samba já extintas, mas que colaboraram para que o carnaval de Brasília pudesse estar vivo, como está hoje, e não desistimos nunca: nós vamos brigar sempre para que a cultura popular de maior expressão do povo brasileiro possa realmente nos dar aquilo que nós buscamos.

Eu tenho 43 anos de carnaval, ou seja, dentro de escola de samba, e aqui estão pessoas que têm até mais tempo do que eu dentro de escolas de samba. Nós somos abnegados; lutamos porque acreditamos que o carnaval é realmente algo de maravilhoso em nosso País. É algo pelo qual o povo expressa o que vem de dentro da alma.

Então, nós precisamos fazer com que os Ministérios - não só o da Cultura, mas também o Ministério do Planejamento, o Ministério do Trabalho - conforme diz o art. 215 da Constituição, no seu inciso I, coloquem na cadeia produtiva do carnaval o que for necessário para que se possa conduzir a cultura popular do povo brasileiro.

Eu queria anunciar aqui que hoje é aniversário da nossa compositora Jamelinha, do Bola Preta. *(Palmas.)*

Eu queria dar os meus cumprimentos a ela, desejando-lhe felicidades e muitos anos de vida.

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Felicidades!

O SR. GEOMAR CLIMENTINO - Para finalizar, embora o Edinei já tenha mencionado algumas indústrias, eu quero mencionar profissionais que realmente são atores do carnaval, fazem a parte do conhecimento e do criativo - eu vou ser bem rápido; garanto que é só isso.

Quero já agradecer a todos.

Vou ler rapidamente as categorias profissionais que constam desta lista feita em 2013 e que participaram do carnaval naquele momento - eu tenho isso guardado.

Eu queria apenas colocar, para dimensionar a magnitude da festa, que basta identificar alguns segmentos e grupos profissionais beneficiados pela cadeia produtiva e criativa do carnaval: costureiras, alfaiates, crocheteiras, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, customizadoras de roupa, chapeleiros, boneleiros, estilistas, modistas, *designers*, figurinistas, carnavalescos, pirotécnicos, recicladores, artesãos, carpinteiros, marceneiros, ferreiros, funileiros, torneiros, brasadores, soldadores, arquitetos, eletricitas, iluminadores, músicos, compositores, atores.

Enfim, como foi colocado pelo Juarez, há todas as funções da cultura dentro de uma escola de samba. Então, nós precisamos fazer com que, de verdade, o art. 215 da Constituição brasileira possa dignificar o nosso carnaval.

Obrigado. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Meus amigos, eu estava dizendo para o Moacyr e para a Letícia que nós tivemos o encerramento, mas, na verdade, é uma suspensão da Ordem do Dia para as Comissões poderem votar.

Será votada aqui ao lado uma matéria, e eu não tenho como me ausentar dessa votação, porque ela pode significar preconceitos também. Eu tenho a responsabilidade de estar ali.

Eu pedi desculpas ao Moacyr e à Letícia por não poder passar a palavra a eles, mas, se a Letícia quiser fazer o encerramento, eu lhe dou a palavra e ela diz alguma coisa que possa ser dita em 1 minuto, talvez, com o compromisso de eu chamá-la para o próximo momento e chamar todos vocês, para que nós também não tenhamos um momento sem as mulheres - porque sem as mulheres, em todos os lugares, também não existe carnaval. *(Palmas.)*

E não falo só da mulher que é destaque ou da mulher que desfila. Falo de todas as mulheres, que atuam em tudo, inclusive no comando.

Então Letícia, você é que vai dar a palavra final desta audiência. Eu só quero avisar que nós vamos levantar cada item que foi aqui sugerido, listá-los e, depois, com a ajuda do Sandro e da Federação Nacional do Samba - FENASAMBA, fazer o nosso roteiro de trabalho para o próximo período.

O SR. KAXITU RICARDO CAMPOS - Deputada, peço a palavra pela ordem. Serei super-rápido.

Eu queria convidar a Letícia para conhecer a Federação e convidar as duas para a nossa assembleia, porque nós estamos já articulando aqui uma rede de comunicação permanente.

Eu virei a Brasília no mês que vem - vamos fazer aqui uma reunião da Federação -, e gostaria que a senhora estivesse na

nossa assembleia, que ocorrerá nos dias 26, 27 e 28, no Rio de Janeiro - ela será feita dentro da Feira Carnavália-Sambacon, que é uma feira de negócios do carnaval, uma atividade também importante. Gostaria que a senhora tivesse, naquele espaço, momento de fala, para repercutirmos e continuarmos as atividades desta reunião. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Maria do Rosário. PT - RS) - Muito obrigada, Kaxitu. Fico muito honrada com o convite. Muito obrigada! A Comissão vai estar lá. De alguma forma, vamos chegar lá.

Letícia, a palavra é sua, para falar no momento final, com toda a mística que temos de muita união do nosso povo e da cultura popular.

Então, eu vou fazer um pedido a vocês: vou declarar encerrada a reunião, porque é minha atribuição como Deputada, mas a reunião não está encerrada sem a Letícia falar. Vocês prometem? Está bem.

Então, eu declaro encerrada esta reunião de audiência pública. A Letícia vai seguir falando, e eu peço aplausos a todos os que participaram desta reunião. *(Palmas.)*

Eu peço desculpas e me penitencio diante de vocês por ter que ir a outra reunião no horário desta aqui. Não fui eu que fiz isso, mas os organizadores.

Letícia, para você concluir, sente-se aqui.

O SR. LETÍCIA HELENA - Boa tarde a todos e a todas que estão aqui para fazermos juntos o melhor carnaval do mundo - eu acho que é esse o nosso objetivo.

Eu faço parte da Rede Carnavalesca, além de fazer parte de um bloco de carnaval de rua de Brasília.

Trabalhamos para apurar, registrar e difundir o carnaval da Capital do País e do Entorno. De dezembro de 2017 a junho 2018 nós desenvolvemos a primeira etapa da Pesquisa Carnavalesca, que foi uma produção independente de dados sobre o carnaval do Distrito Federal.

Por meio da revisão bibliográfica, do mapeamento e questionário com blocos de carnaval, escolas de samba, grupos focais com diferentes setores da sociedade e análise de dados, elaboramos a proposta de um indicador de rua que possibilite a avaliação do carnaval do Distrito Federal e Entorno com dados qualitativos e quantitativos.

Nesse período em que a Rede Carnavalesca está atuando, tivemos a oportunidade de dialogar com folionas e foliões, organizadores, artistas, gestores e outros representantes de setores que integram a cadeia produtiva do carnaval em nossa região. Dentre os diversos temas abordados em nossos encontros, alguns se destacam como problemáticas a serem debatidas e solucionadas para a construção de uma folia que seja sinônimo de diversão, respeito e segurança.

A violência policial tem sido, de longe, o tema mais trazido à tona. A utilização do gás de pimenta como forma de dispersão dos que se aventuram a ficar até o final das festividades demonstra que não está acontecendo um diálogo efetivo entre a sociedade e as polícias armadas. O uso indiscriminado dessa arma contra a população fere o direito de ir e vir garantido por nossa Constituição e também o direito à diversão, ao prazer, ao acesso à arte, à manutenção de nossa cultura e até o direito à liberdade - à liberdade de expressão e de ocupação urbana.

Portanto, precisamos apontar que falar da cadeia produtiva do carnaval é assumir a transversalidade desse tema com as diversas pautas e campos sociopolíticos, como a mobilidade urbana, a garantia dos direitos civis e a economia. Uma cultura política intervencionista é, na maioria das vezes, antagônica ao previsto em uma das afirmações mais bonitas da Constituição - *todo poder emana do povo*. É nesse sentido que a sociedade civil precisa ser respeitada na sua autonomia de criar e dar fluidez ao carnaval.

O art. 215, que foi citado aqui diversas vezes, diz que "*o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais*". O § 1º é mais específico ainda e diz que "*o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional*".

Já o § 1º do art. 216, que também foi citado aqui, afirma que "*o poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento à preservação*".

Como aqui já foi dito, desde 2014 nós não temos o desfile das escolas de samba. Isso é muito triste. É realmente muito triste ver a quantidade de agremiações e escolas que se extinguíram e as que estão perto de ter o mesmo destino. Essas que ainda bravamente se mantêm ativas perderam a mobilização principal da sua comunidade, que é o desfile das escolas de samba. Diversos profissionais perderam seu emprego e diversas comunidades perderam as atividades de formação que as escolas mantinham. A indução ao endividamento que a maioria das escolas sofrem todos esses anos por Governos e gestores faz com que se aliene o pouco do patrimônio que elas possuem. O descumprimento de acordos, de compromissos e o desmonte, geralmente, às vésperas, do que é acertado minimamente, a falta de linhas de apoio estruturais e nada que gere alguma garantia, que permita a manutenção de um trabalho que, apesar de parecer que só dura 3 dias no ano, gera emprego e renda durante o ano todo - ou e o que deveria -, sobretudo regras que são muitas vezes estabelecidas sem nenhum contato ou participação das comunidades, blocos e agremiações carnavalescas, criam uma relação autoritária que não atende às reais necessidades desses que fazem o nosso carnaval e destes que são territórios para a formação cidadã, pedagógica, criativa e sociocultural de muitas pessoas.

Muitas pessoas têm se queixado durante esses contatos que a Rede Carnavalesca tem feito de terem perdido oportunidades de trabalho ou a continuidade de um trabalho que já se estavam fazendo há anos, inclusive como oportunidade de trabalho e emprego - porque o carnaval é uma convergência de linguagens criativas e cadeias, como a moda, a música, artes plásticas, artes cênicas ou audiovisual e várias outras que foram citadas daqui que não podem ser ignoradas.

O carnaval, para além de um evento importante para a criação de memória, laços e sensibilidade, movimenta um ativo econômico de grande relevância e apresenta uma complexa cadeia produtiva local, uma vez que, em função das atividades carnavalescas, vários setores produtivos e comerciais são mobilizados. Os blocos e as escolas de samba, ao realizarem seus eventos carnavalescos, movimentam e estimulam uma economia local tanto na fase de pré-produção, com compra de materiais, contratação de técnicos e infraestrutura, como na própria realização das atividades, com atração de mercado formal e informal, redes de transportes, compra de fantasias, rede hoteleira, entre tantos outros, e, por fim, realizando a

formação de profissionais que seguirão atuando em diversos outros ramos da economia local.

O carnaval, além do seu propósito principal da alegria e da celebração, traz também benefícios em diversas outras áreas. Segundo dados dos nossos levantamentos, o Distrito Federal teve, nos últimos anos, cerca de cem blocos carnavalescos em atividades regulares. Porém, com dificuldades de sustentação, boicotes institucionais e repressão, nos últimos 10 anos houve redução no número de escolas de samba e agremiações carnavalescas. Das 40 escolas que cadastramos, 15 declararam-se extintas por falta de recursos e apoio. Somente as escolas mais antigas conseguiram manter algumas atividades, porém, sem nenhum apoio governamental, e o prejuízo econômico cultural e social causado pela falta dessas atividades é enorme.

Vale a pena mencionar também a ausência de proteção à memória deste nosso patrimônio imaterial, que não possui nenhuma salvaguarda.

O carnaval fortalece culturas afetivas alegres, solidárias e autônomas. A inspiração floresce espontaneamente, com destaque para a inovação na criação e a manutenção das tradições. Gostaríamos, então, de propor a esta Casa que pactuemos em âmbito federal a inserção do carnaval em políticas públicas que reconheçam a grandiosidade desse tesouro e que o torne possível em sua potência diversa, afetiva, criativa e libertária. Precisamos promover a construção de possibilidades e experiências que desenvolvam esses valores e reconhecer o carnaval como prática de cidadania criativa, de ocupação do espaço público e de liberdade de expressão, para que as futuras gerações tenham uma referência e um legado.

Em nome da Carnavalesca, agradeço a vocês. Muito obrigada.

Vamos seguir juntos. Quero, sim, Kaxitu, o contato, para me comunicar com todos vocês. Vamos cruzar dados.

Vamos continuar nesse processo que já vem há muito tempo. Eu estou entrando só agora, sou sangue novo, mas sei que aqui há muita gente que está lutando há muito tempo. Basta ver os cabelos brancos. *(Risos.)*

Muito obrigada. *(Palmas.)*



56ª Legislatura - 1ª Sessão Legislativa Ordinária

Câmara dos Deputados - Palácio do Congresso Nacional - Praça dos Três Poderes - Brasília - DF - Brasil - CEP 70160-900
CNPJ: 00.530.352/0001-59

Disque-Câmara: 0800-619-619, de 8h às 20h
Atendimento presencial: de 9h às 19h

[Sobre o Portal](#) [English](#) [Español](#) [Extranet](#)